

COTAS RACIAIS, RACISMO ACADÊMICO E EPISTEMICÍDIO.

Palavras-Chave: AÇÕES AFIRMATIVAS, EPISTEMICÍDIO, RACISMO ACADÊMICO, SUJEITO DE CONHECIMENTO

Autoras:

Kezzy Dias Alves dos Santos, IFCH - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). YARA ADARIO FRATESCHI (orientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Com objetivo de analisar se as universidades têm inserido de fato o conhecimento das pessoas negras de forma legítima, essa pesquisa pretende analisar filosoficamente a política das cotas raciais em conjunto com a relação entre os conceitos de epistemicídio e racismo acadêmico. Além de procurar compreender como as cotas se posicionam diante do legado de desigualdade racial que tem moldado a estrutura das instituições de ensino superior públicas ao longo de sua história. Para isso, este projeto está dividido em três partes.

Na primeira parte, será realizada uma análise conceitual da relação entre epistemicídio e racismo acadêmico para averiguar se o racismo acadêmico é efeito do epistemicídio. Tal suposição repousa na ideia de que o epistemicídio opera como um mecanismo mais abrangente de exclusão do conhecimento e da produção intelectual negra em diversos estratos da sociedade, visto que ele atua em todo o processo educativo, ao passo que o racismo acadêmico se limita à academia. Na segunda parte, investigaremos os indícios que sugerem a persistência do epistemicídio e do racismo acadêmico nas universidades públicas brasileiras, mesmo com a implementação das cotas. Esses indícios baseiam-se em dados que apontam para a possibilidade de não termos observado uma alteração significativa no corpo docente, nas literaturas dos cursos e nos temas de pesquisa. Aspecto que será explorado com base nos estudos de Sá Moreira. Por fim, na terceira parte, exploraremos a proposta de José Jorge de Carvalho de que as cotas raciais podem ser uma eficaz resposta ao racismo acadêmico, especialmente quando ampliadas, pensando isso através das noções de ação afirmativa e ação transformativa. Pretendemos explorar como as cotas raciais enfrentam os desafios potenciais associados ao *racismo acadêmico* e ao *epistemicídio*.

METODOLOGIA:

A metodologia do seguinte estudo é pautada na leitura e análise dos textos da bibliografia, com base na observação de dados produzidos sobre as cotas étnico-raciais e suas consequências. A partir disso, pretendo elaborar textos com os avanços da pesquisa, que serão discutidos em reuniões ao longo do ano com a orientadora e com o grupo de estudos. Além disso, construiremos um relatório parcial, que conterà os progressos da pesquisa, e um relatório final, que se dará com base no aperfeiçoamento e aprofundamento dos resultados parciais obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Neste primeiro momento da pesquisa foi possível desenvolver a primeira e a segunda etapa. Na primeira etapa investigamos de forma mais detalhada os conceitos de *epistemicídio* e *racismo acadêmico*, permitindo estabelecer uma possível conexão de causa e efeito entre esses dois conceitos ao destacar suas similaridades e modos de atuação. Como resultado preliminar desta etapa, constatamos que o *epistemicídio* opera de maneira mais abrangente, pois não se limita apenas a restringir o acesso da população negra às instituições de ensino superior, mas também busca minar sua intelectualidade, autoestima e capacidade de se tornarem sujeitos legítimos na produção de conhecimento. Nesse contexto, é plausível argumentar que o *epistemicídio* necessita mobilizar mecanismos que atuem para impedir que estudantes negros se tornem sujeitos de conhecimento. Tal mobilização pode ser entendida à luz da lógica do *racismo acadêmico*, conforme proposto por Sá Moreira. O filósofo argumenta que a ação do *racismo acadêmico* é através do constante silenciamento dos saberes da população negra dentro das universidades de diversas formas, desde excluir e ignorar esses saberes até mesmo destituir a intelectualidade negra. Esses mecanismos agem de maneira mais sub-reptícia, trabalhando por meio das estruturas das instituições e perpetuando as práticas discriminatórias. Além disso, ele afirma que o *racismo acadêmico* pode incorporar por vontade, estratégia, ou necessidade circunstancial pessoas negras. No entanto, muitas vezes, essa incorporação ocorre de maneira superficial, às vezes até exótica, com mais ênfase na manutenção do racismo do que na verdadeira inclusão dos saberes e intelectuais negros na academia¹.

Diante disso, parece plausível supor que o *racismo acadêmico* (nos termos de Fernando de Sá Moreira) - embora tenha características específicas - pode ser interpretado como uma manifestação do *epistemicídio* (nos termos de Sueli Carneiro) nas universidades. Ademais, ambos os conceitos compartilham o mesmo objetivo: tentar impedir que a população negra seja produtora de conhecimento. Portanto, é plausível sugerir que o *racismo acadêmico* desempenhe um papel na

¹ Cf. Sá Moreira (2020, p.65)

perpetuação do próprio *epistemicídio*, servindo como uma ferramenta que sustenta essa prática. Posto isso, esse vínculo sugere que o *racismo acadêmico* pode ser um efeito do *epistemicídio*.

Na segunda etapa, foi possível mapear indícios de uma possível atuação do *racismo acadêmico* nas universidades tendo por base principalmente os artigos de Sá Moreira “Estudos Filosóficos sobre o Negro no Brasil: um levantamento de teses e dissertações em temáticas negras nos programas de pós-graduação da área de filosofia” (2019) e "Negros em Programas de Pós-Graduação em Filosofia no Brasil"(2023). No artigo de 2019 Moreira destaca a escassez de estudos sobre temáticas negras na Filosofia, com apenas 0,52% das dissertações entre 1987 e 2018 abordando esse tema, apontando para uma negligência significativa da área nesse aspecto. Esses levantamentos evidenciam a falta de representatividade negra na pós-graduação em Filosofia. No artigo mais recente Sá Moreira investiga a presença de negros nos programas de pós-graduação em Filosofia, destacando a falta de dados sobre a auto identificação racial dos docentes, o que dificulta o mapeamento dessa presença. Entre os anos de 2017 e 2019, apenas 25,5% dos discentes declararam sua raça, sendo 19,6% pardos e 5,9% pretos, enquanto a maioria, 73,6%, era branca. Há uma preocupação com a ausência de dados consistentes, levantando a possibilidade de omissão relacionada ao *racismo acadêmico*. Tais levantamentos ressaltam a necessidade de manter o alerta aos silenciamentos que falamos no decorrer do texto, pois como Sá Moreira nos mostra, o *racismo acadêmico* atua de forma transparente. Nesse sentido, é viável investigar se o *epistemicídio* e o *racismo acadêmico* não adaptaram seus mecanismos de ação frente ao novo cenário, promovido pelas cotas raciais, de maior presença negra na graduação. Então, cabe pensar na hipótese do *epistemicídio* e do *racismo acadêmico* ainda parecerem atuantes e recalcitrantes.

No próximo estágio da pesquisa, pretendemos dar continuidade a essa segunda etapa que ainda está no desenvolvimento de mais indicativos da atuação do *racismo acadêmico*. Além disso, seguiremos para a última etapa da pesquisa que é analisar o impacto das cotas raciais nesses conceitos, avaliando a efetividade desta política diante do *racismo acadêmico*, averiguando se essa política - se ampliada - pode ser uma resposta ao *racismo acadêmico*. Tendo como objetivo final estabelecer uma relação entre esses conceitos e a política de cotas raciais, visando a compreensão aprofundada de sua interação.

CONCLUSÕES:

A relação entre racismo acadêmico e epistemicídio revela aspectos da estrutura universitária que ainda perpetuam a exclusão da negritude no ambiente acadêmico. A escassez de estudos sobre a negritude na pós-graduação em filosofia e a baixa presença de estudantes negros nesses programas são evidências de que os saberes da população negra e suas questões não recebem a devida atenção e centralidade na academia. Esse silenciamento, identificado por Sá Moreira, pode ser compreendido

como um efeito do epistemicídio, que não apenas marginaliza o conhecimento produzido por pessoas negras, mas também deslegitima sua contribuição intelectual. Em vista disso, neste primeiro momento em que relacionamos o conceito de *racismo acadêmico* com o *epistemicídio*, tornou-se viável uma explicação mais abrangente de alguns aspectos da universidade que possivelmente estão atrelados ao racismo. Sendo, então, possível adquirir uma visão mais completa dos mecanismos subjacentes do *racismo acadêmico*, identificando sua possível gênese no *epistemicídio*, fenômeno mais amplo.

Com a implementação das cotas raciais, observamos um avanço na inclusão de pessoas negras nas universidades, o que representa um passo importante para superar os entraves do acesso ao ensino superior. No entanto, essa inclusão não é suficiente se as estruturas universitárias não forem adaptadas para promover uma educação que possibilite que os saberes da população negra sejam legitimados e, conseqüentemente, que os negros sejam vistos como sujeitos de conhecimento. A falta de transformação nas práticas acadêmicas, nas bibliografias e nas temáticas abordadas nas disciplinas pode perpetuar o racismo acadêmico, mesmo em um contexto de maior diversidade. O levantamento de Sá Moreira sobre a produção de teses referente a temáticas negras, já citado, é um exemplo deste indício, visto que mesmo com maior inclusão de pessoas negras na pós-graduação de filosofia essa temática referente à população negra continua sendo marginalizada, ao menos na área da filosofia como indicam os dados. O que pode abrir espaço para a presença do *racismo acadêmico* e do *epistemicídio* até os dias atuais, devido à capacidade do *epistemicídio* e do *racismo acadêmico* de atualizarem seus mecanismos conforme os avanços da população negra. Portanto, é fundamental examinar a produção acadêmica, a representatividade negra no ensino superior, as bibliografias de curso e as temáticas das disciplinas², visto que é possível buscar indicativos de que as estruturas das universidades ainda não passaram por transformações completas. Isso sugere que, para que as cotas raciais cumpram seu papel transformador, é necessário um compromisso institucional com a revisão das estruturas acadêmicas e a promoção de um ambiente que valorize e integre a diversidade de saberes, garantindo que a produção de conhecimento seja verdadeiramente inclusiva e representativa.

² Sobre as literaturas de curso, a lei 10.639/2003 prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis escolares, incluindo o ensino superior. No entanto, não foram encontrados levantamentos sobre a aplicação desta lei no ensino superior. O que poderá ser explorado ao longo do desenvolvimento da pesquisa. O levantamento mais recente sobre a aplicação dessa lei é o do Instituto Geledés (2023). Essa pesquisa revela que das 1.187 secretarias municipais que participaram da pesquisa (21% de todas as secretarias no Brasil), 71% não estão realizando ou estão realizando apenas poucas ações para efetivar as disposições desta lei. Sendo que das secretarias que realizam poucas atividades 69% declararam que a maioria das atividades são realizadas apenas em novembro, durante o mês ou semana do Dia da Consciência Negra. É importante observar que essa pesquisa se concentra principalmente nos níveis escolares do ensino fundamental e médio, e não abrange especificamente o ensino superior. No entanto, esse dado pode nos fornecer uma dimensão de como a aplicação desta lei está sendo encaminhada. (BENEDITO, B.S., CARNEIRO, S., & PORTELLA, T. *Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. São Paulo: Instituto Alana. 2023)

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, S. Dispositivo de racialidade: **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

CARVALHO, J.J. **Ação afirmativas como resposta ao racismo acadêmico**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política 1.42, 2003.

FRATESCHI, Y. A. **Estratégias afirmativas e transformativas de combate à desigualdade: o caso das cotas na universidade pública brasileira**. Editora UNIFAP, 2017, v. 1, p. 307-326.

SÁ MOREIRA, F. **Estudos filosóficos sobre o negro no brasil**. Problemata: Revista Internacional de Filosofia 10.2, 2019, p. 313-345.

SÁ MOREIRA, F. **Negros em Programas de Pós-Graduação em Filosofia no Brasil**. Educação e Filosofia, 2023, p. 429 - 454.

SÁ MOREIRA, F. **Racismo acadêmico e Estudos filosóficos Negros in Ensaios Filosófico**, Volume XXI, julho/2020, p. 57 - 83